

Reinventando corpos: uma análise antropológica das propostas e práticas de “reintegração social” em uma organização não governamental da mesorregião metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais

Resumo: O presente artigo, resultado de uma pesquisa monográfica, visou efetivar uma análise antropológica das práticas de “reintegração social” em uma Organização não Governamental localizada na cidade de Florestal, pertencente à mesorregião metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. A instituição abriga mães e filhos em situação de risco social, como vulnerabilidade pessoal, problemas socialmente identificados como “vícios”, “ex-moradoras” de rua, vítimas de violência doméstica, entre outras vulnerabilidades. Metodologicamente a pesquisa foi desenvolvida a partir de visitas e vivência na entidade e entrevistas junto a membros. Para alcançar o entendimento de como ocorre o processo de reintegração social proposto pela ONG, foi necessário seguir um percurso metodológico com subsídio etnográfico, em busca de diálogos e contatos efetivos. Foram efetivadas duas visitas, nos anos 2015 e 2016, respectivamente. Porém, em 2017 foram executados contatos externos para alcance de mais informações. As entrevistas foram registradas em anotações junto ao diário de campo, com análises e interpretações posteriores. A partir das visitas, foram considerados os papéis assumidos pelas moradoras para “reinventar seus corpos”. Para tanto, foram consideradas suas agências na “rede de relações” para o desenvolvimento do sentimento de empoderamento. Foi possível perceber que, além desse sentimento de empoderamento, as regras também tinham papel significativo no processo de reintegração. A partir da análise desses pontos importantes, o estudo revelou que a convivência cotidiana e o respeito às regras compõem importante papel na construção de saberes e condutas que permitem as moradoras se “reinventarem” todos os dias.

Abstract: *The present work aims to make an anthropological analysis of the practices of “social reintegration” in a Non-Governmental Organization located in the city of Florestal, belonging to the metropolitan meso-region of Belo Horizonte, Minas Gerais. The institution is like a home to mothers and children at social risk, such as personal vulnerability, socially identified problems such as “vices”, “ex” homeless people, victims of domestic violence, among other vulnerabilities. Methodologically, the research was developed from visits and experience in the entity and interviews with members. In order to reach an understanding of how the social reintegration process proposed by the NGO occurs, it was necessary to follow an ethnographic methodological course, in search of effective dialogues and contacts. Three visits were made in the years 2015 and 2016 respectively. However, in 2017 external contacts were made to reach more information. The interviews were recorded in notes with the “field journal”, with subsequent analyzes and interpretations. From the visits, the roles assumed by the residents to “reinvent their bodies” and maternities were considered. In order to do so, their agencies were considered in the “network of relationships” for the development of the feeling of empowerment, it was possible to perceive that, besides this sense of empowerment, the rules also had a significant role in this process of “reintegration”. From the analysis of all these important points, the study revealed that everyday experiences play an important role in the construction of knowledges and behaviors that allow the residents to “reinvent” themselves every day.*

Introdução

Como estudante do Curso de Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2015 cursei a disciplina “Antropologia e Educação” lecionada pela professora e então orientadora da presente pesquisa. Para o trabalho final dessa disciplina foi escrito um artigo em um contexto de educação não formal. Desde então, a partir de um campo antropológico comecei a desenvolver minha pesquisa de monografia.

Para a elaboração do trabalho final da disciplina mencionada, foi solicitado que os alunos efetuassem um trabalho de campo em um contexto de educação formal ou não formal. Ao conversar sobre essa tarefa de campo com uma prima que residiu como voluntária em uma “ONG” que ampara mães e filhos em situação de vulnerabilidade social, houve, de sua parte, a sugestão de procurar por essa instituição, aberta a receber visitas e ajudas externas. Foi-

-me informado o contato de uma das coordenadoras com a qual comuniquei-me desde o início para fazer as visitas ao abrigo. Os encontros precisam ser previamente agendados e muitas vezes, houve dificuldades em conseguir horários, já que a instituição é sempre preenchida por várias atividades.

A instituição é uma Organização não-governamental religiosa, de matriz cristã, e fica localizada na cidade de Florestal, pertencente à Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, no Estado Minas Gerais. A instituição abriga mães e filhos em situação de risco social, com problemas socialmente identificados como “vícios”¹, antigas moradoras de rua, vítimas de violência doméstica, entre outras vulnerabilidades.

A princípio, conforme informação de uma segunda coordenadora entrevistada, a casa abrigava apenas crianças e adolescentes. Porém, devido a situações burocráticas governamentais, nas quais

Bárbara Mariane Martinez Viana

Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Contato:

<barbarazeni-tram6@gmail.com>

Palavras-chaves:

Reintegração social. Enquadramento comportamental. Empoderamento. Disciplina.

Keywords:

Social reintegration; Behavioral framework; Empowerment; Discipline.

¹ Vícios como usuários de drogas ilícitas.

2 Disponível em: <<http://embaixadadoaltissimo.blogspot.com.br>>. Não existe autoria para o texto disponível no site.

3 O conceito de “corpo” utilizado nesta pesquisa, baseia-se nas teorias do livro “Corpo- infância: Exercícios tensos de ser criança. Por outras pedagogias dos corpos” (ARROYO, 2012). Neste, considera-se o “corpo vivenciado na diversidade de sujeitos situados em contextos históricos marcados pelas desigualdades sociais (de classe) e diversidades de espaços, de relações sociais, étnicas, raciais, de geração, de gênero” (ARROYO, 2012).

4 Utiliza-se a expressão “corpo subjetivo” para ressaltar a proeminência do trabalho da ONG sobre os corpos, através de regras e disciplina, sem deixar de considerar que esses corpos dizem respeito à subjetividade, uma pessoa moral e social.

as leis não permitem que os menores estivessem desacompanhados de seus responsáveis legais, passou-se a acolher crianças e adolescentes, acompanhados de suas mães. Em seu site virtual², a instituição denomina como metas de suas propostas pedagógicas reestruturar e promover integralmente famílias com crianças e adolescentes em situação de risco, por meio de acolhimento, da valorização e promoção humana e ainda, da reintegração social. Almejam ainda contribuir com a redução dos índices de exclusão social, vulnerabilidade social, violência e criminalidade com famílias amparadas, ressocializadas e restauradas em sua dignidade e valor sagrados por meio de princípios evangélicos.

Devido a dificuldades que a ONG enfrentou no ano de 2017, pelo fato de estarem recebendo uma nova família que acarretava dificuldade de adaptação à casa, não foi possível estar tão presente na instituição por determinado período deste ano. Tendo em vista essa circunstância, a pesquisa toma por base as visitas e conversas efetivadas na instituição, além do diálogo com antigas moradoras, sendo elas uma prima e ex-voluntária e uma adolescente que fora acolhida e assistida pela casa de amparo, hoje maior de idade. A adolescente, na época, era uma jovem de 22 anos que viveu na Instituição durante cerca de 10 anos, sendo ela a primeira pessoa com que se efetivou o diálogo em 2015 (momento inicial da pesquisa) e em 2017 (etapa final). A jovem contribuiu com seu depoimento na condição de antiga moradora da Instituição. O contato foi efetuado via rede social (*Facebook*) e então, foi agendada uma conversa presencial, realizada na residência da pesquisadora.

Para manter o anonimato das envolvidas na presente pesquisa, suas identidades não serão evidenciadas, então, elas serão denominadas com nome fictícios. O motivo dessa escolha, partiu de um cuidado ético às histórias das mães que contribuíram com a pesquisa através de seus depoimentos e, desse modo, terão suas identidades preservadas.

O primeiro momento da pesquisa aconteceu através da primeira visita etnográfica efetuada no ano de 2015. O principal intuito da visita teve como objetivo responder à seguinte questão: “Como ocorre o processo de reintegração social dentro da casa?”. Considerando³ que as pessoas que ali chegaram, tinham corpos³ marcados pela violência social das ruas, de suas casas e que neles, traziam marcas de uma vida composta por sofrimento, fome, preconceitos, pelo desgaste da pobreza, sendo esses fatores que a sociedade e o Estado ignoraram (ARROYO, 2012). O intuito foi entender de que forma a Instituição “trabalha” esses corpos precarizados (ARROYO, 2012) para que eles se sintam inclusos socialmente e assim, se reestruturem.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, em busca do conhecimento de como ocorre o processo de reintegração social proposto pela ONG, entendida através das vivências cotidianas das moradoras, foi necessário seguir um percurso teórico-metodológico baseado na etnografia e em diálogos, com efetivos contatos com a ONG.

A visita efetivada à ONG, no ano de 2015, foi baseada em entrevistas com as moradoras da casa, que contribuíram contando suas vivências externas

e internas à Instituição. As entrevistas foram anotadas em diário de campo, com análises e interpretações posteriores. As perguntas foram elaboradas previamente com base em pesquisas teóricas que deram embasamento prévio ao capítulo que se pretendia elaborar. Antes de iniciar as perguntas, a coordenadora já estava ciente do assunto que seria discutido. Então, posteriormente, foram liberadas as visitas e a entrevista com as mães que tinham um caráter mais dinâmico, como uma conversa mais flexível.

Entretanto, pelo fato de a terceira etapa da pesquisa (início do ano de 2017) ter sido marcada por dificuldades da instituição receber visitas externas, a metodologia de acesso às informações foi externa à casa de amparo. O diálogo com Yasmin, antiga moradora da ONG, foi baseado na metodologia “etnografia multissituada”, como acesso teórico de busca de informações. Denominada como uma nova forma de alcance pelo antropólogo George Marcus (2011), essa investigação antropológica incorpora também, sujeitos etnográficos que estão “multissituados no sistema-mundo”. Para atingi-los, é preciso usar novas formas de alcance. Para efetuar a conversa em ambientes externos à instituição, encontrei separadamente Júlia e Yasmin, respectivamente. Com exceção às outras, essas entrevistas foram gravadas e, posteriormente, contribuíram com informações.

Análise do processo de reintegração social na Ong: a agência e o empoderamento como fatores primordiais

À primeira visita, da qual resultou parte da pesquisa, foi feita no ano de 2015, depois de ser efetuado o primeiro contato com a casa de amparo. Ao chegar ao local, tive boa recepção por uma das coordenadoras, com a qual havia me comunicado previamente e marcado a visita. Após a chegada, foi explicado que o principal intuito da visita era investigar como ocorre o processo de reintegração social dentro da casa. A considerar que as pessoas que chegaram lá tinham corpos marcados por subjetividades específicas de vivências sociais ocasionadas por desgastes da pobreza, preconceito, violência. Entretanto, a ONG acolhe esses corpos⁴ subjetivos com reconhecimento de que precisam ser tratados de forma diferente. O intuito é entender de que forma a Instituição “trabalha” esses corpos para que eles se sintam incluídos socialmente. Para tanto, será considerada a estrutura da ONG como um local que exerce políticas da educação não-formal que, segundo Gohn (2006), tem como principais características a atuação sobre aspectos subjetivos do grupo, ajudando na formação do indivíduo para a vida e suas adversidades. Para isso, são estimulados sentimentos de valoração de si próprio. Um dos intuítos de análise da pesquisa foi tentar entender como ocorre o processo cotidiano para promover o que a instituição denomina “reestruturação social”, colocada como uma de suas metas para reestruturar e promover integralmente as/os moradoras/es. Para tanto, essa interpretação foi baseada em um olhar antropológico, que considerou a agência desses corpos subjetivos.

É preciso observar nesse contexto, a individualidade, a história que esses indivíduos trazem, considerando os diferentes contextos sociais que vivenciaram. Entretanto, se deve levar em conta que,

dentro desse contexto que envolve muitas subjetividades, busca-se construir na vida cotidiana, a identidade coletiva.

Depoimentos das moradoras da ONG

Yasmin⁵

"Fui apresentada a uma das moradoras que já mora na casa há mais de oito anos. Segundo ela, a instituição mudou sua vida e construiu uma perspectiva de futuro que ela não tinha".

Yasmin morava com seus pais e três irmãos, seus pais eram usuários de drogas e ela presenciava todo tipo de violência dentro de sua casa. Na escola, seu comportamento refletia toda violência que, quando criança, a afetava naquele ambiente hostil. Percebendo o fato, os educadores acionaram a Vara da Infância para verificar o caso. Foi levada para um abrigo precário que, segundo ela, não tinha estrutura para amparar crianças psicologicamente abaladas. De acordo com Yasmin, ao chegar à casa, percebeu que tinha algo diferente. Lá, ela foi acolhida com sua mãe e irmãos,

"Aqui eu me senti acolhida, me senti amada, eu não sabia amar, porque nunca fui amada antes (...). Aqui aprendi que tinha que seguir regras. Antes eu não seguia regras, eu fazia o que eu queria na hora que eu queria. Meu comportamento não era adequado para viver bem socialmente. Aqui eu aprendi a ter autoestima, eles me mostraram, Você pode, você é linda, você é capaz!, então, eu fui ouvindo aquilo e internalizando dentro de mim. Eles não cuidaram de mim só por fora. Agora você está me vendo, eu tenho vaidade, me sinto bonita, antes não era assim... Mas hoje me sinto bem tanto por dentro quanto por fora". (Depoimento de Yasmin, moradora da ONG, 2015).

Como ilustra a fala, a ONG trabalha com base em questões de autoestima, visando a capacitação e segurança de poder pessoal, que segue em via de contribuir para construção de perspectiva de futuro que antes não tinham. Outro fator importante é a presença das regras que, como afirmou a entrevistada, ajudou a culminar a disciplina que antes os "corpos" não tinham para um bom convívio social. A agressão sofrida em casa era depositada em outros ambientes, causando comportamentos que hoje, acredita serem negativos.

As regras e o convívio coletivo compõem as relações na casa: "A multidão, massa compacta, local de múltiplas trocas, individualidades que se fundem, efeito coletivo, é abolida em proveito de uma coleção de individualidades separadas". (FOUCAULT, 2011, p. 190).

Não é preciso uma supervisão severa e estrita todas as horas do dia para que as regras sejam cumpridas. Contudo, disciplinar os corpos é também impor regras e ordens que são aplicadas perante práticas que são interpretadas como "desviantes" de condutas estabelecidas socialmente.

"Percebe-se nessas definições que o significado da palavra disciplina está vinculado a

algo externo ao sujeito. Em geral, ela é imposta, ignorando as opiniões, os desejos e os valores daqueles que têm de se sujeitar a ela. Nesse sentido, a disciplina está nitidamente ligada à indisciplina; enquanto a primeira é entendida, pelo senso comum, como a manutenção da ordem e obediência às normas, a segunda significa a sua negação, ou seja, a quebra da ordem. Esse entendimento sobre o conceito de disciplina e indisciplina é o que prevalece até hoje em determinados meios sociais". (OLIVEIRA, 2009, p. 290)

No caso da ONG, a disciplina vem com forma de "moldar os corpos". O conceito de disciplina na visão de Foucault (2014), remete ao indivíduo como sujeito passível de dominação. A disciplina se impõe como forma de dominação e adequação de comportamento. Entretanto, Foucault discute também que "o poder deve ser entendido como uma relação fluante, não está numa instituição e nem em ninguém" (FERREIRINHA; RAITZ, 2010, p. 382), as relações de poder são entendidas como difusas e, por isso, estão em constante transformação. Logo, os sujeitos imersos nessas relações, são também passíveis de transformação.

Na instituição, a implementação de regras denominada por Yasmin, refletem as relações de poder e a forma como elas mediam comportamentos padrões. Na escola, as regras são impostas o tempo todo, seja na hora de se organizar em fila, na locomoção de entrada e saída, nas salas de aula. Nesse contexto, Yasmin afirma que não cumpria com essa imposição, ou seja, ela era uma aluna nada passível à dominação disciplinar. Por isso, afirma que seu comportamento era inadequado para viver socialmente.

Na ONG, as moradoras têm que seguir regras, o que pode ser percebido na fala de Yasmin, "(...) aqui aprendi que tinha que seguir regras, antes, eu não seguia regras, eu fazia o que eu queria na hora que eu queria, meu comportamento não era adequado para viver bem socialmente". Sujeitos que antes não eram passíveis de dominação, agora, na instituição, estão se (re)compondo, sendo "(re)estruturados" para seguir o que socialmente é imposto como padrão comportamental. Se antes Yasmin não cumpria a imposição disciplinar dos espaços, na ONG pesquisada ela foi educada pela disciplina imposta, pois, se ela não a respeitasse, não poderia continuar vivendo os benefícios oferecidos pela instituição. A punição, segundo Foucault (2014), também compõe a eficácia da imposição de regras, o que pode ser percebido na mudança de comportamento de Yasmin, quando, diferente da sua experiência passada com a escola, sua escolha foi permanecer na ONG.

Simone⁶

Outro depoimento no qual pôde ser notado o quanto os "corpos" estão marcados pela violência foi a fala de Simone. Ela tem mais de trinta anos e é negra. Quando criança, ela foi adotada por uma família de pessoas brancas e algum tempo depois, sua mãe adotiva veio a falecer. Então, sua guarda ficou sob responsabilidade de seu pai adotivo. Com a morte de sua cônjuge, ele passou a abusar física e moralmente de Simone com atitudes machistas e racistas. Na escola, ela agredia as crianças desse tom de pele e as que tinham o cabelo liso e que,

5 Moradora não identificada.

6 Nome fictício.

segundo ela, era uma forma de descontar toda sua raiva. Muitas vezes essas violências sofridas têm que ser entendidas a partir do comportamento da criança, pois numa cultura do silêncio, na construção de mitos que naturalizaram tais práticas, criam-se empecilhos a uma ação pública para o seu enfrentamento (FONTES, 1993). Aos nove anos de idade, Simone foi morar na rua, abandonando a casa onde era maltratada. Ela cresceu acreditando que sua raça era inferior, sem construir vínculos afetivos. Simone relata que, ao chegar à “casa, não entendia o porquê de estar sendo acolhida sem ter que retribuir e receber amor e carinho, sem ter que dar como recompensa o seu corpo, assim como havia sido durante sua infância. Há de se considerar a importância de olhar para esses “corpos precarizados” de maneira diferente, pois eles instalam tensões na sociedade (ARROYO, 2012), uma vez que, de alguma forma, “denunciam” as violências. Na “ONG, os “corpos precarizados” são vistos e entendidos de formas diferentes, não obstante, necessitam de um tratamento distinto. Simone relata que foi muito bem acolhida na casa junto aos seus filhos, que também sofreram abuso por parte de seu companheiro. Ela relata que não entendia a razão de estar recebendo tanto amor, sem a sua retribuição. “Eu ouvia: você é bonita, você pode ter sonhos para você e seus filhos, e falava: ‘Isso não é verdade, ‘porque’ estão me falando tantas mentiras?”. Como Simone nunca acreditou na sua beleza, por sempre ser tratada por adjetivos pejorativos relacionados à sua raça, não acreditava que seria possível aquelas palavras serem entendidas como verdades.

A partir do depoimento de Simone, foi possível perceber o importante papel das agentes mediadoras, principalmente no processo que trabalha a autoestima das moradoras, estimulando um sentimento de empoderamento. Segundo GOHN (2006), os agentes mediadores são meios importantes para se entender o caminho metodológico que precisou ser construído ao longo do tempo. Logo, pode-se perceber a partir de sua fala, que a atitude das mediadoras colabora para que a instituição se construa como um contexto realizador de mudanças e de ações que levam as moradoras a se fortalecerem (VALOURA, 2005). Nesse sentido, a educação não-formal

“[...] resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de auto-ajuda denominam, simplificada, como a auto-estima); ou seja dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para de ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais etc.)”. (GOHN, 2006, p. 3)

Em outro momento da produção monográfica, já em 2017, quando prosseguia com a pesquisa, houve uma dificuldade da ONG em receber visitas (como mencionado na introdução), devido à problemas internos que vinham enfrentando. Diante desta dificuldade em não poder estar tão presente quanto pretendido, foi preciso procurar novas formas de prosseguir com a pesquisa. Isso pode ser denominado como uma nova forma de alcance que o antropólogo George Marcus (2011) designa “etnografia multissituada”, com o intuito de incorporar a trans-

formação dos espaços de produção cultural no contexto pós-moderno. Nessa medida, a investigação antropológica incorpora, também, sujeitos etnográficos que estão “multi- situados” no sistema-mundo. Para atingi-los, é preciso usar novas formas de alcance (MARCUS, 2011). Nesse sentido, retomei o contato com Yasmin, a primeira pessoa com quem conversei na instituição e que atualmente mora com seus pais, recuperados das drogas.

O contato com Yasmin foi efetivado via *Facebook*, a partir da indicação de Júlia. No dia 01/05/2017, convidei-a para um almoço em minha residência e a expliquei-a sobre a pesquisa. Ela foi muito simpática e bem-disposta a conversar. Falou um pouco sobre o papel das mediadoras e como foi importante no processo de transformação:

“O que mais foi impactante em tudo, porque eu e meus irmãos dávamos muito trabalho, a gente era muito rebelde, foi a paciência de cada uma delas e o amor, acho que o amor é que rompe com tudo. Porque, às vezes a gente fica procurando mudança em uma pessoa e a gente procura muito pelo meio racional. Procura muito resultado nas pessoas, a gente quer resultado... Só que quando envolve o ser humano, o caráter da pessoa, não é uma coisa imediata. É um processo, transformação é um processo, até hoje eu tô em um processo de transformação, não existe um fim pra isso hoje, existe um começo e um meio, o fim não existe porque você continua no processo o resto da vida, porque cada dia você tá aprendendo uma coisa. Então, o que marcou esse início dessa transformação, foi esse companheirismo, delas, esse investimento[...] Pessoas como as agentes sociais decidiram acreditar e investir na gente. Porque as vezes muitas pessoas veem os casos e as pessoas e não acreditam na mudança. Faltam outros seres humanos para investir na gente, para enxergar além daquela situação e, graças a Deus eu encontrei essas pessoas que acreditaram, porque essas pessoas fazem toda diferença, e que amaram a gente, decidiram investir. Não é uma coisa racional, tem a ver com ser humano mesmo”. (Fala de Yasmin moradora egressa da ONG, 2017).

Nesse caso, entende-se que as agentes mediadoras têm papel essencial na busca pela transformação. Não obstante, a partir da ação delas foi possível entender o caminho metodológico que precisou ser construído para desenvolver a proposta da ONG em “reinventar” os “corpos”. O Empoderamento Construído em uma Rede de Relações:

“Na sua definição mais geral, empoderamento é definido como “um processo pelo qual indivíduos, comunidades e organizações obtêm controle sobre suas vidas” (Rappaport apud Minkler, 1992, p. 303). Vasconcelos (2001) define empoderamento como “o aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão e dominação social”. (TEIXEIRA, 2002, p. 24).

As moradoras fazem parte de um grupo de minoria oprimida que se permitem, no contexto da

ONG, construir um meio de resistência, no qual o empoderamento é um instrumento de mudança de sentidos e práticas (MENEGHEL *et al.*, 2005). Isso acontece pois lhes são atribuídas formas de se “reinventar socialmente”, de enxergar meios possíveis de capacitação pessoal que todas potencialmente têm, mas que para desenvolver precisam acreditar em si mesmas. Nesse contexto, elas entram em contato com informações e conhecimentos que ampliam o entendimento anterior que não lhes possibilitava enxergar meios de alcançar mudança.

A ONG é um meio onde elas podem se reinventar. É um espaço que possibilita sua agência. Isso se torna possível, em meio ao processo de construção de novas relações sociais na qual elas podem acreditar potencialmente na autoconstrução de um novo futuro.

Pensando antropologicamente sobre empoderamento e como ele pode ser significado no contexto da ONG, remete-se à construção de novos saberes composto pelo coletivo, que fortalece o ideal de escolha do grupo, o tornando mais forte e possível. Também porque as vivências cotidianas possibilitam construir relações que compõem novas oportunidades e potencialidades que antes o contexto não as permitia construir. O saber está ligado ao poder de renegociar o lugar social de cada uma, marcado pela desigualdade de gênero, raça e classe. As mulheres na ONG permitem-se imergir na reconstrução cotidiana, possibilitada pelos saberes construídos e adquiridos em grupo.

Na conversa em uma mesa em frente à uma quadra, na qual crianças brincavam junto à uma mãe, a coordenadora do projeto, relatou,

“Você está vendo aquela mãe junto às crianças? Ela era moradora de rua... Ela aparenta ter mais de 40 anos, não têm os dentes da frente por violência sofrida nas ruas, mas hoje ela tem apenas 29 anos de idade. Veio pra cá com seu filho pequeno, aquele de azul... Ela está ali brincando com aquelas crianças tendo a infância que ela não teve há anos atrás. Conseguimos um dentista voluntário para tratar de seus dentes... Hoje ela está acolhida e feliz...” (Relato da coordenadora da ONG, 2015).

A partir dessa história é possível perceber como o processo de se “reinventar” é construído cotidianamente, em cada gesto e cada possibilidade de ação. Poder viver aquele momento com seu filho seria algo inacessível para uma moradora de rua, se sentir fisicamente bem com uma autoestima boa seria também difícil na realidade anterior. Mas, a ONG possibilita àquela mãe viver de forma diferente, para então, poder construir novas possibilidades. O processo de reintegração de fato é cotidianamente desenvolvido dentro da casa, mulheres que chegam sem sonhos e perspectivas de futuro nem para elas e nem para seus filhos, começam a ter uma nova visão de mundo e oportunidades que para elas nunca foram abertas. O processo de reintegração social se baseia também em estimular o sentimento de empoderamento constituído pela atuação das mulheres, nas atitudes diárias. Considerando a visão de Freire a partir das considerações de Cordeiro (2011), Schiavo e Moreira (2005) ressaltam,

“Implica, essencialmente, a obtenção de informações adequadas, um processo de reflexão e tomada de consciência quanto a sua condição atual, uma clara formulação das mudanças desejadas e da condição a ser constituída. A estas variáveis, deve tomar-se uma mudança de atitude que impulse a pessoa, grupo ou instituição para a ação prática, metódica e sistemática, no sentido dos objetivos e metas traçadas, abandonando-se a antiga postura meramente relativa ou receptiva” (CORDEIRO, 2011, p. 3-4).

Em *Os excluídos do interior*, Bourdieu (1998) mostra a exclusão e a dificuldade de acesso à educação por classes menos favorecidas. Depois, desconstroí a forma como essa classe aos poucos e ao longo dos anos galga o caminho rumo ao acesso do saber. Esse ingresso pode ser notado com a intermediação da educação social. No caso da ONG, os “corpos precarizados” e marginalizados que se desconstroem e se recuperam, rumo à construção de direitos que sempre lhes fora negada pela vida e pelos fatos. O processo de reintegração social inclui diversos fatores de trabalho e reflexão que, de fato, têm como intuito, mostrar que esses “corpos” não só podem como devem ocupar outros espaços. O empoderamento pode contribuir para mostrar essa agência das moradoras, isso pode ser percebido no discurso de Yasmin:

“A coordenadora da ONG, me levou para assistir à colação de grau da filha dela, lá eu pude vê-la pegando o diploma e aquilo representou uma conquista muito bonita. Logo após, eu fui a um jantar de comemoração. Eu me senti tão sem lugar naquela mesa chique com pessoas bem vestidas e inteligentes, eu pensei: esse lugar não é meu. Mas, depois de um tempo eu refleti e pensei, eu também quero ter meu diploma, meu lugar em meio àquelas pessoas, eu posso fazer parte desse mundo, esse mundo também é meu” (Depoimento de Yasmin, 2015)

Quando Yasmin fala que se encontrava em um espaço que não era seu, ela ainda se sentia incapaz de estar presente em determinado contexto social, sentia que não podia pertencer a um mundo de sonhos e perspectivas futuras. A ONG, como um contexto construtor que possibilita a elaboração de novas escolhas de vida, contribui para que as moradoras reelaborem e se recomponham.

As moradoras são agentes de suas próprias histórias. Elas compõem o que é a instituição e possibilitam se reinventar naquele meio, o que torna o local o construto de uma rede de forças que possibilita a mudança individual. Essas são formas de resistir e potencializar meios de renegociar o lugar social na rede de relações:

“As redes ou os atores-redes são formados por aquilo que Latour chama de “processos de translação”, ou seja, um processo em que dois ou mais actantes tornam-se de tal modo relacionados que um exerce força sobre o outro. Isso significa que, para fazer parte de uma rede, os actantes devem ser reunidos de modo a trabalharem juntos, o que pode significar mudanças nas formas em que atuam” (COUTINHO *et al.* 2017, p. 7).

Dessa forma, para que a composição de uma nova reelaboração de si é preciso que elas se tornem agentes para se compor de nova forma na rede de relações. Uma das maneiras de tornar isso possível é se apropriar de sua história de vida para que possam situar-se como sujeitos do discurso. As histórias produzem transformações, à medida que estimulam os sujeitos a pensar em outros sentidos e significados para a experiência passada, a partir do ponto de vista do presente (MENEHEL *et al.*, 2005).

Essa nova forma de pensar é possibilitada pela agência conjunta na rede de relações, em que as moradoras são “actantes” e contribuem para a reinvenção das relações e de si mesmas. Na Teoria Ator-Rede, a noção de rede remete a fluxos, circulações e alianças, “nas quais os atores envolvidos interferem e sofrem interferência constante” (FREIRE, 2006, p. 55). Em 2017, segundo momento da pesquisa em que encontrei Yasmin, ela relatou que teve como oportunidade ser voluntária na ONG, e que pôde contribuir com um diferente papel,

“Quando a ONG abriu as portas pra ser voluntária, pra mim foi uma honra. Por tudo que eu vivi, por tudo que fui um dia e eu poder ajudar outras pessoas eu poder ser voluntária e me doar em alguma coisa pra alguém é uma honra, eu me senti privilegiada quando eu posso ajudar alguém. Porque eu sai de uma posição de risco, sai dessa posição e passei a ser resposta pra outras pessoas. Como voluntária eu estava numa situação de ajudar, mas de também ser transformado (...). Então, a ONG me transformou como pessoa, como ser humano, no caráter também. Nesse contexto você vê que não foi só você que teve essa história difícil ruim, que outras pessoas também compartilham de histórias difíceis. Só que o você passou, você consegue contribuir com aquela pessoa. Mesmo sendo histórias diferentes, você consegue contribuir de uma certa forma. Só que não com uma experiência ruim, mas com a nova pessoa que você se tornou. Por exemplo, pra eu amar uma pessoa lá dentro eu precisei receber amor. Então é um ciclo. Só dá amor quem recebe amor, só dá educação quem recebe educação...” (Fala de Yasmin antiga moradora da ONG, 2017).

Em outro momento de sua vida, Yasmin pôde compor um novo papel nessa rede de relações, na medida em que reinventou o seu “eu” e conseguiu se perceber como uma “actante” exercendo novas formas de contribuir e de ressignificar a instituição na vida de cada uma dessas mulheres. Ao longo do tempo, cada uma das moradoras vai enxergar sua importante ação nessa rede de relações. No caso de Yasmin, sua admiração pelas agentes mediadoras e o papel dessas na contribuição de sua transformação, seguiu em via de “reinventá-la” anos depois, no lugar de ação como mediadora que tanto admira, compondo uma nova rede de relações.

Considerações finais

Neste artigo, foi possível perceber que a vivência cotidiana na instituição permite a criação de um meio que favorece às moradoras reinventar suas realidades em meio ao processo de construção de novas relações sociais que potencializam suas agências. Assim, a “rede de relações” é reelaborada, possibilitando que desenvolvam o sentimento de

empoderamento, entendido como essencial para o desempenho da reintegração que a instituição propõe.

O empoderamento, analisado antropologicamente, pôde ser percebido como significado na “rede de relações” tornando a produção de novas escolhas e comportamentos possíveis. Entretanto, entende-se que essa construção é formada na vivência cotidiana, na qual as mulheres permitem renegociar o seu lugar social, compondo-se com novos “corpos” atuantes na “rede de relações”. Os saberes adquiridos e as reelaborações dos corpos construídas por eles permitem novas reflexões e empoderam os “corpos”, subjetivos e atuantes, a ressignificar seu lugar social.

Nessa medida, percebe-se através da Teoria Ator-Rede (LATOURETTE, 2012), que “os atores envolvidos interferem e sofrem interferência constante” (FREIRE, 2006, p. 55). Essa interferência, pode ser percebida também a partir da implementação de regras e como ela é significativamente marcada cotidianamente, na vida das moradoras. Além do empoderamento como resistência e meio de acreditar na capacidade de reagir às diferenças do “mundo de fora”, as regras também compõem importância nesse alcance. De fato, as regras compõem o bom convívio social dentro da instituição e, também por isso, são vistas positivamente pelas moradoras. Entretanto, para que os “corpos” permitissem deixar-se afetar por elas, é preciso que elas sejam vistas como algo importante e necessário. Dentro da casa, os corpos estão sendo afetados pelas regras o tempo todo, desde a hora de acordar até a hora de dormir. As regras compõem o funcionamento do cotidiano e moldam os corpos o tempo todo. Dessa forma, segundo Foucault (2004, p.), “quando o corpo responde às manipulações ele se treina, se torna hábil a respondê-las. Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. As moradoras da ONG têm consciência dessas limitações que lhe são impostas, por isso, acreditam que é preciso aprender a lidar com elas, pois dessa forma, busca-se adequar aos padrões comportamentais impostos socialmente dentro e fora da ONG.

Para tanto, “ser afetada” e “permitir ser afetada”, bem como integrar as regras incorporando-as faz parte de uma reintegração cotidiana, não apenas dentro da casa, mas como uma preparação para o mundo “de fora” que está composto por um conjunto disposto de regras sociais. Por isso, as regras se compõem de elementos os quais elas acreditam que precisam seguir para que aconteça a mudança que elas acreditam precisar.

Entretanto, buscando entender antropologicamente como essas regras permitem existir dentro da instituição, ela pode ser mencionada como um “combate” aos “desvios comportamentais”. Disciplinar os corpos é também mantê-los em controle, então, os corpos são afetados pela imposição de regras e reagem a ela, pois é através dela que se permitem “reinventar” dentro das relações cotidianas. Desse modo, “o poder entendido em uma rede de relações compõe um controle que é também um mecanismo que habilita novas ações”. (ALVAREZ, 2004, p.).

A ONG e os “corpos-subjetivos-atuantes” que lá

habitam, permitiram que esta pesquisa se desenvolvesse. A Antropologia permite ricas interpretações quando se depara com histórias tão individuais e com elas se transformam em saberes na convivência cotidiana fazendo possível a mudança na vida de cada uma das moradoras. Foi possível perceber

que não é fácil resistir, quando se vive “às margens” sociais os meios de reagir são duros, mas eles são reinventados todos os dias por cada uma dessas mulheres.

Referências Bibliográficas

- ALVAREZ, Marcos César. (2004), *Controle social: notas em torno de uma noção polêmica*. São Paulo, São Paulo em perspectiva, p. 168-176.
- ARROYO, Miguel G. (2012), “Corpos precarizados que interrogam nossa prática profissional”, in M. G. Arroyo & M. R. Silva (orgs.), *Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos*, Petrópolis, Vozes.
- ASSOCIAÇÃO EMBAIXADA DO ALTIMISSO. <<http://embaixadadoaltissimo.blogspot.com.br>>. Acessado em 25/11 de 2017.
- BOURDIEU, Pierre. (1998), “Os excluídos do interior”, in M. A. Nogueira & A. Catani (orgs), *Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes, p. 217-228.
- CORDEIRO, Rosane de Barros Goveia. Letramento e desenvolvimento local: desafios e possibilidades. In: NOME DO EVENTO, 2, 2011, Uberlândia. *Anais...*, Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COUTINHO, Francisco Ângelo; GOULART, Maria Inês Mafra; PEREIRA, Alexandre Fagundes. (2017), “Aprendendo a ser afetado: contribuições para a educação em ciências na educação infantil”. *Educação em revista*, 33: 1-27.
- FERREIRINHA, Isabela Maria Nunes & RAITZ, Tânia Regina. (2010), “As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas”. *Revista Administração Pública*, 44, 2: 367-383.
- FOUCAULT, Michel. (1999, [1975]), *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. Tradução de Maria Ermantina Galvão, São Paulo, Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. (2011, [1975]), “O Panoptismo”, in *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 39ª edição, Petrópolis: Vozes, 2011, p. 186-214.
- FREIRE, L. L. (2006), “Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica”. *Comum*, Rio de Janeiro, 11, 26: 46-65.
- LATOUR, Bruno. (2012), *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador, Edufba/Edusc.
- MENEGHEL, Stela Nazareth; FARINA, Olga; RAMÃO, Silvia Regina. (2005), “Histórias de resistência de mulheres negras”. *Revista Estudos Feministas*, 13, 3: páginas.
- OLIVEIRA, Marta Khol. (1997), “A Mediação Simbólica”, in M. K. Oliveira, *Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*, São Paulo, Scipione.
- OLIVEIRA, Marta Khol. (1997), “O Biológico e o Cultural”, in M. K. Oliveira, *Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*, São Paulo, Scipione.
- OLIVEIRA, Maria Izete de. (2009), “Fatores psico-sociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência”. *Linhas críticas*, 15, 29: páginas.
- SCHIAVO, Marcio R.; MOREIRA, Eliesio N. (2005), *Glossário social*. Rio de Janeiro: Comunicarte.
- TEIXEIRA, Mirna Barros. (2002), *Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção da saúde*. Tese de Mestrado, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, datilo.
- VALOURA, Leila. (2006), *Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador*. Programa Comunicarte de Resistência Social, 2006.

